

DO AUTOR MULTIPREMIADO
BENJAMIN ALIRE SÁENZ

A LÓGICA

INEXPLICÁVEL

«Um olhar intenso sobre
a vida emocional
dos jovens na entrada
para a idade adulta.»

Kirkus

**DA
MINHA VIDA**

TOP
SE LER
#Bliss

*Para a minha irmã mais nova, Gloria, que amei em miúdo.
E que amo ainda mais agora que sou um homem.
E em memória da minha irmã mais velha, Linda,
que viveu a sua vida com graciosidade, apesar do sofrimento.*

Prólogo

TENHO UMA RECORDAÇÃO que é quase como um sonho: as folhas amarelas da amoreira da Mima a flutuarem vindas do céu como se fossem flocos de neve gigantes. O sol de novembro está a brilhar, a brisa é fresca e as sombras do entardecer dançam com uma vida que está muito para lá do meu entendimento infantil. A Mima está a cantar qualquer coisa em espanhol. Há mais canções a viver dentro dela do que folhas na sua árvore.

Está a varrer as folhas caídas e a reuni-las num monte. Quando acaba o que está a fazer, curva-se para baixo e abotoa-me o casaco. Olha então para a pirâmide de folhas, a seguir para os meus olhos e diz:

— Salta! — Eu corro e salto para cima das folhas, que têm o cheiro húmido da terra.

Durante toda a tarde, delicio-me naquele mar de folhas.

Quando me canso, a Mima pega-me pela mão. Quando nos preparamos para regressar a casa, paro de andar, apanho algumas folhas e entrego-lhas com as minhas mãos de 5 anos. Ela aceita as folhas frágeis e beija-as.

Está feliz.

E eu? Eu nunca me senti tão feliz na vida.

Guardo esta recordação algures dentro de mim — num local seguro. Pego nela e admiro-a sempre que preciso. Como se fosse uma fotografia.

Parte Um

*Talvez sempre tenha tido uma ideia errada
sobre quem sou de verdade.*

A Vida Começa

AS NUVENS NEGRAS começavam a reunir-se no céu e a ameaça de chuva sentia-se no ar da manhã. Quando saí pela porta, senti a brisa fresca a bater-me no rosto. O verão tinha sido longo e lento, cheio de dias quentes e sem chuva.

Esses dias de verão tinham chegado ao fim.

O primeiro dia de aulas. Do último ano da secundária. Sempre me questionei como seria ser finalista. E agora estava prestes a descobrir a resposta para todas as minhas perguntas. Era agora que a vida começava. Pelo menos era o que dizia a minha melhor amiga, a Sam. Ela sabia tudo. Ter uma melhor amiga que sabe tudo poupa-nos imenso trabalho. Se tivesse alguma dúvida sobre alguma coisa, bastava virar-me para ela e perguntar, que a Sam dava-me todas as informações de que precisava. Não que a coisa mais importante da vida fosse a informação.

A Sam era superinteligente. E sabia coisas. Montes e montes de coisas. Além disso, *sentia* coisas. Bolas! Sentir era com ela. Às vezes achava que ela pensava, sentia e vivia pelos dois.

A Sam sabia bem quem era.

E eu? Acho que nem sempre tinha a certeza. Não importava que de vez em quando a Sam fosse uma exibicionista emocional, com altos e baixos constantes. Ela podia ser uma verdadeira tempestade. Mas também podia ser uma vela suave que ilumina um quarto escuro. É verdade que isto me deixava um bocadinho doido. Mas tudo o que ela era — todas as suas cenas emocionais, as mudanças de humor e de tom de voz — fazia-a parecer incrivelmente viva.

Comigo a história era outra. Andava sempre a controlar-me. Acho que tinha uma certa obsessão pelo controlo. Gostava de manter tudo calmo. Mas às vezes sentia que, com tanta calma, não estava a viver de todo. Talvez precisasse da Sam porque estar perto dela fazia com que me sentisse mais

vivo. Talvez isto não parecesse muito lógico, mas se calhar esta coisa a que chamamos lógica seja um pouco sobrevalorizada.

Por isso, no primeiro dia de aulas, que devia ser o início das nossas vidas, ia a falar sozinho enquanto me encaminhava para a casa da Sam. Íamos os dois a pé para a escola todos os dias. Não havia carros para nós. Caramba! O meu pai gostava de me recordar de que eu não precisava de carros.

«Tens pernas, não tens?»

Amava o meu pai, mas nem sempre apreciava o seu sentido de humor.

Quando cheguei à porta da frente da casa da Sam, mandei-lhe uma mensagem: «Já cá estou!». Ela não me respondeu.

Fiquei ali à espera. Mas, sabem, tive uma sensação estranha de que as coisas não iam ser como antes. A Sam chamava às sensações deste tipo premonições. Dizia que não devíamos confiar nelas. Quando andávamos no nono ano, foi fazer uma leitura da palma da mão e tornou-se instantaneamente uma cética. Ainda assim, aquela sensação irritou-me um bocado porque queria que as coisas ficassem como estavam — gostava bastante da minha vida como ela era. Se as coisas pudessem ser sempre como eram agora... era bom. Enfim, não gostava nada desta conversa que estava a ter comigo mesmo — e não teria tempo para a ter se a Sam tivesse alguma noção de tempo. Sabia bem o que ela andava a fazer. A escolher sapatos. Ela nunca se conseguia decidir quanto aos sapatos. E uma vez que era o primeiro dia de aulas, é claro que a questão era bastante importante. Sam. Sam e a sua relação com os sapatos.

Quando saí finalmente de casa, já eu estava a enviar uma mensagem ao Fito. Os dramas dele eram diferentes dos da Sam. Nunca tive de viver no tipo de caos que o Fito tinha de aguentar todos os dias da sua vida, mas achava que ele se estava a safar bastante bem.

— Olá — disse a Sam quando chegou finalmente à rua. Parecia nem dar pelo facto de eu ter ficado ali plantado à espera dela. Trazia um vestido azul. A mochila condizia com o vestido e os brincos balançavam com a brisa suave que soprava. E os sapatos? Sandálias. Sandálias? Esperei tanto tempo por um par de sandálias que ela comprou no supermercado?

— Está um dia lindo — disse, cheia de sorrisos e entusiasmo.

— Sandálias? — perguntei. — Foi por isso que fiquei à espera?

Ela não ia deixar que lhe estragasse o momento.

— São perfeitas. — Ofereceu-me outro sorriso e deu-me um beijo na bochecha.

— Para que foi isso?

— Para dar sorte. Somos finalistas.

— Somos finalistas. E depois disto?

— Vamos para a universidade!

— Não me venhas outra vez com essa palavra. Não falámos noutra coisa durante o verão todo.

— Errado. *Eu* não falei noutra coisa. Tu estiveste um bocadinho ausente durante essas conversas.

— Conversas? Ah, é assim que se chama? Pensei que eram monólogos.

— Vê lá se te convences. Vamos para a universidade! É a vida a sério, meu querido! — Fechou a mão num punho e levantou-a bem alto no ar.

— Pois. A vida — respondi.

Ela deu-me um dos caraterísticos olhares à Sam.

— É o primeiro dia. Vamos dar cabo daquilo tudo!

Sorrimos amplamente um para o outro e depois começámos a caminhar. Para começar a viver.

O primeiro dia de aulas foi um dia banal que não fica de todo na memória. Normalmente gostava do primeiro dia de aulas — toda a gente levava roupas novas e sorrisos otimistas, a cabeça cheia de pensamentos positivos, as boas atitudes a flutuar à nossa volta como se fossem balões de hélio num desfile e o slogan motivacional do costume: *Vamos fazer deste ano o melhor de sempre!* Os nossos professores não se cansavam de nos dizer que tínhamos em nós o poder de subir a escada do sucesso, com a esperança de nos motivarem para conseguirmos aprender realmente alguma coisa. Talvez estivessem apenas a tentar fazer com que modificássemos o nosso comportamento. Sejam justos, muitos dos nossos comportamentos precisavam de modificações. A Sam dizia que 90 % dos alunos da Escola Secundária de El Paso precisavam de terapia comportamental.

Mas este ano eu *não* estava nada virado para a euforia do primeiro dia de aulas. Nem um pouco. E claro, assim que cheguei, a Ali Gomez sentou-se mesmo à minha frente na aula de Inglês Avançado, pelo terceiro ano consecutivo. Sim, a Ali, uma resistente dos últimos anos que gostava de namoriscar comigo na esperança de que a ajudasse com os trabalhos de casa — ou seja, que lhos fizesse. Como se isso fosse acontecer... Não fazia ideia de como ela conseguia inscrever-se nas aulas avançadas. Ela era a prova viva

de que o nosso sistema educativo é bastante questionável. É como eu disse, o primeiro dia de aulas: in-sig-ni-fi-can-te.

A exceção foi o Fito não ter aparecido. Preocupava-me com ele.

Só estive com a mãe do Fito uma vez e ela nem parecia habitar neste planeta. Os irmãos mais velhos dele tinham desistido todos da escola em prol das substâncias estimulantes, seguindo assim as passadas da mãe. Quando conheci a mãe dele, tinha os olhos vidrados e raiados de sangue, o cabelo pegajoso e um cheiro nada agradável no corpo. O Fito quase morreu de vergonha. Coitado do miúdo. Do Fito. Pronto, o meu problema era que me preocupava com tudo. Detestava isso em mim.

A Sam e eu íamos para casa depois do nosso primeiro dia de aulas nada memorável. Parecia estar prestes a chover e, à semelhança do que aconteceu com a maior parte dos ratos do deserto, eu adorava a chuva.

— O ar cheira bem — disse-lhe.

— Não me estás a ouvir — disse ela. Já estava habituado àquele seu tom de voz, como quem diz «estou-chateada-contigo», que a Sam normalmente me dirigia. Vinha a falar incessantemente sobre colibris. Ela adorava colibris. Até tinha uma t-shirt com um colibri. A Sam e as suas fases. — O coração deles bate 1260 vezes por minuto.

Sorri.

— Estás a fazer troça de mim — disse ela.

— Não estava nada a fazer troça de ti — contrariei. — Só estava a sorrir.

— Conheço todos os teus sorrisos e esse é o teu sorriso trocista, Sally. — A Sam começou a chamar-me Sally quando andávamos no sétimo ano, porque, embora gostasse do meu nome, Salvador, achava que era demasiado pesado para um tipo como eu. — Quando fores um homem, começo a chamar-te Salvador — e, amor, estás muito longe desse ponto. — A Sam não gostava nada de Sal, que era o que toda a gente me chamava, à exceção do meu pai, que me chamava Salvie. Por isso ganhou o hábito de me chamar Sally. Coisa que eu detestava. Que tipo normal gosta de ser chamado de Sally? (Não que tivesse grandes pretensões de ser *normal*.) Enfim, não se podia dizer à Sam para não fazer alguma coisa. Se lhe disséssemos para não fazer algo, em 97 % das ocasiões era exatamente isso que ela fazia. Ninguém conseguia ganhar à Sam em teimosia. Na altura, limitou-se a olhar para mim com aquela expressão que dizia que ia ter de me habituar. Por isso, para a Sam, eu era o Sally.

Foi quando lhe comecei a chamar Sammy. As pessoas tinham de encontrar uma maneira de equilibrar as coisas.

Bem, adiante, ela estava a pôr-me ao corrente das estatísticas sobre os colibris. Começou a ficar zangada comigo e a acusar-me de não a levar a sério. A Sam detestava que a desconsiderassem. *Aqui vive uma mulher com substância*. Tinha esta frase afixada no cacifo da escola. Acho que passava as noites acordada a arranjar frases inspiradoras. A parte da *substância*, bem, até consigo entender. A Sam não era exatamente uma miúda superficial. Mas gostava de a recordar que, se eu estava muito longe de ser um homem, ela também não estava mais perto de ser uma mulher. Não que ela gostasse deste meu reparo. Recebi o olhar de «cala-te!».

Enquanto caminhávamos, ela continuava a tagarelar sobre colibris e depois a dar-me um sermão acerca da minha incapacidade crónica de a ouvir. E eu só pensava: *Bem, quando a Sam começa a refilar, não há nada que a detenha*. Quero dizer, ela estava mesmo a chagar-me a paciência. Até que tive de a interromper — quero dizer, tive *mesmo* de a interromper.

— Porque é que tens sempre de arranjar motivos para discutir comigo, Sammy? Ouve, não estou a fazer troça de ti. Até parece que não sabes que os números não são propriamente a minha cena. Eu e os números: *no bueno*. Sempre que me falas em estatísticas, fico com os olhos turvos.

Como o meu pai gostava de dizer, a Sam não se deixou «desencorajar». Recomeçou a falar na mesma coisa, mas desta vez não fui eu quem a interrompeu — foi o Enrique Infante. Ele aproximou-se por trás de nós quando eu e a Sam íamos a andar. De repente, deu um salto e pôs-se mesmo à minha frente. Olhou-me diretamente nos olhos, espetou um dedo no meu peito e disse:

— O teu pai é rabetá.

Senti que alguma coisa aconteceu dentro de mim. Uma onda gigantesca e incontrolável varreu o meu corpo e quebrou-se na praia que era o meu coração. Perdi subitamente a capacidade de usar palavras e... não sei, nunca me senti tão zangado, não sabia bem o que estava a acontecer, porque a fúria não era um sentimento normal em mim. Era como se o Sal que eu conhecia se tivesse ausentado do meu corpo para dar lugar a outro Sal. Lembro-me de ter sentido a dor no meu próprio punho logo depois de bater com ele na cara do Enrique Infante. Tudo aconteceu num instante, como um relâmpago, só que o raio não vinha do céu, mas algures de dentro de mim. Ver aquele sangue todo a esguichar do nariz de outra pessoa fez-me sentir vivo. Fez mesmo. É a verdade. E isso assustou-me.

Tinha dentro de mim alguma coisa que me assustava.

A seguir só me lembro de estar a fitar o Enrique enquanto ele estava caído no chão. Agora já era novamente o Sal calmo — bem, não exatamente *calmo*, mas pelo menos já conseguia falar.

— O meu pai é um homem. Tem nome. Chama-se Vicente, por isso se queres chamar-lhe alguma coisa, chama-o pelo seu nome. E ele *não* é rabeta nenhum.

A Sam ficou parada a olhar para mim. Olhei para ela também.

— Bem, isto é novidade — disse ela. — O que aconteceu ao menino bonzinho? Nunca pensei que fosses capaz de dar um murro noutra rapaz.

— Eu também não — respondi.

Ela sorriu-me e foi um sorriso um pouco estranho.

Olhei para baixo para o Enrique. Tentei ajudá-lo a levantar, mas ele não estava para ali virado.

— Vai à merda! — exclamou, enquanto se levantava sozinho do chão. Eu e a Sam ficámos a vê-lo afastar-se.

Ele virou-se e espetou o dedo do meio na minha direção.

Fiquei um bocadinho atordoado e olhei para a Sam.

— Talvez nem sempre saibamos do que somos capazes.

— É bem verdade — concordou ela. — Acho que há muitas coisas que encontram o seu esconderijo dentro dos nossos corpos.

— Talvez essas coisas devam continuar escondidas.

Caminhámos devagar enquanto regressávamos a casa. Não falámos durante muito tempo, e o silêncio que se instalou entre nós era definitivamente perturbador. Até que a Sam disse:

— Que rica maneira de começar o último ano da secundária.

Foi nessa altura que comecei a tremer.

— Então, então. Não te disse hoje de manhã que íamos dar cabo daquilo tudo?

— És muito engraçadinha — respondi.

— Escuta, Sally, ele mereceu aquele murro. — Ofereceu-me um dos seus sorrisos; aquele que dizia «tem calma». — Está certo que não devias andar por aí a esmurrar pessoas. Isso é *no bueno*. Mas se calhar há um rapaz rebelde dentro de ti que está só à espera de uma oportunidade para sair.

— Não há a menor possibilidade de isso ser verdade. — Disse a mim mesmo que passara apenas por um momento estranho. Mas alguma coisa me dizia que ela tinha razão. Ou pelo menos um pouco de razão. Abalado.

Era assim que me sentia. Talvez a Sam estivesse certa em relação às coisas que se escondem dentro de nós. Que outras coisas teria escondidas dentro de mim?

Fizemos o resto do caminho para casa em silêncio. Quando estávamos quase a chegar a casa dela, a Sam sugeriu:

— Vamos ao Circle K. Pago-te uma *Coca-Cola*. — Eu às vezes bebia *Coca-Cola*. Era uma espécie de bebida que me reconfortava o coração.

Sentámo-nos no passeio a beber as nossas bebidas.

Quando deixei a Sam em casa, ela deu-me um abraço.

— Vai correr tudo bem, Sally.

— Sabes que eles vão ligar ao meu pai.

— Pois vão, mas o Sr. V é fixe. — Sr. V era o que a Sam chamava ao meu pai.

— Pois. Mas o Sr. V também é o meu pai — e um pai é um pai.

— *Vai correr tudo bem, Sally.*

— Pois — respondi. Às vezes a minha cabeça estava cheia de *pois* que eram apenas meio verdadeiros.

Enquanto ia para casa, revi o ódio no rosto do Enrique Infante. E continuava a ouvir a palavra *rabeta* a ecoar-me nos ouvidos.

O meu pai. O meu pai *não* era aquela palavra.

Ele nunca seria aquela palavra. Jamais.

Ouviu-se um estrondo sonoro de um trovão e a chuva começou a cair furiosamente.

Enquanto a tempestade me rodeava, não conseguia ver nada à minha volta. Continuei a andar, com a cabeça baixa.

Limitei-me a continuar a andar.

Senti o peso das roupas encharcadas de água. E senti-me sozinho, pela primeira vez na vida.

Eu. O Meu pai. Sarilhos.

SABIA QUE ESTAVA metido em sarilhos. Assim mesmo, mesmo a sério. Estamos a falar de sarilhos de verdade. O meu pai, que era severo mas sempre ponderado, *e nunca gritava*, entrou no meu quarto. A minha cadela, a *Maggie*, estava deitada ao meu lado na cama. Ela sabia sempre quando me sentia mal. Por isso, ali estávamos os dois, a *Maggie* e eu. Acho que se pode dizer que estava com pena de mim mesmo. Era uma sensação estranha, porque ter pena de mim mesmo não era definitivamente um dos meus passatempos. Isso era mais o departamento da Sam.

O meu pai puxou a cadeira da secretária e sentou-se. Sorriu. Conhecia aquele sorriso. Ele sorria sempre antes de me dar uma das suas palestras sérias. Passou os dedos pelo cabelo grosso e salpicado de fios grisalhos.

— Acabei de receber um telefonema do diretor da tua escola.

Acho que desviei os olhos.

— Olha para mim — disse ele.

Cruzei o olhar com o do meu pai e ficámos a fitar-nos durante muito tempo. Fiquei contente por não ver fúria nos seus olhos. Depois disse:

— Salvador, não é correto magoar outras pessoas. E não é de todo correto andar a distribuir murros na cara dos outros.

Sabia que o assunto era sério quando me chamava *Salvador*.

— Eu sei, pai. Mas não sabes o que ele disse.

— Não me importa o que ele disse. Ninguém merece ser atacado fisicamente só porque disse alguma coisa de que tu não gostaste.

Fiquei calado durante muito tempo. Até que decidi finalmente que precisava de me defender. Ou pelo menos de justificar os meus atos.

— Ele disse uma coisa mesmo *chunga* sobre ti, pai. — Noutro dia qualquer era capaz de ter começado a chorar. Mas ainda estava demasiado

zangado para chorar. O meu pai sempre disse que não havia problema nenhum em chorar e que se as pessoas chorassem mais, o mundo seria um lugar bem melhor. Não que seguisse o seu próprio conselho. E, apesar de não estar a chorar, pode dizer-se que me sentia um pouco envergonhado. Estava, pois —, de contrário não estaria de cabeça caída. Senti os braços do meu pai a envolverem-me e deixei-me encostar ao seu corpo, para a seguir murmurar: — Ele chamou-te *rabeta*.

— Oh, filho — disse ele —, achas que nunca ouvi essa palavra? Já ouvi até piores. Mas é uma palavra que não contém verdade absolutamente nenhuma, *Salvie*. — Segurou-me pelos ombros e olhou para mim. — As pessoas conseguem ser cruéis. E detestam o que não compreendem.

— Mas, pai, elas não querem compreender.

— Talvez não. Mas temos de encontrar uma forma de disciplinar os nossos corações, para que a crueldade dessas pessoas não nos transforme em animais feridos. Somos muito melhores do que isso. Nunca ouviste a palavra *civilizado*?

Civilizado. O meu pai adorava esta palavra. Era por isso que adorava arte. Porque a arte civilizava o mundo.

— Já ouvi, pai. E *entendo* o que estás a dizer. Mas o que acontece quando um bárbaro idiota como o Enrique Infante está mesmo em frente ao teu nariz? Quero dizer... — comecei a fazer festas à *Maggie*. — A *Maggie* é mais humana do que as pessoas como o Enrique Infante.

— Não discordo da tua avaliação, *Salvie*. A *Maggie* é muito dócil. É querida. E há muita gente neste mundo que é bastante mais selvagem do que ela. Nem todos os que caminham sobre duas pernas são bons e decentes. Nem todos os que caminham sobre duas pernas sabem como usar a sua inteligência. Mas tu já sabes isto tudo. O que tens de aprender é a distanciar-te de pessoas selvagens que só gostam de rosnar. Elas podem morder. Podem magoar-te. Não vás por aí.

— Tinha de fazer alguma coisa.

— Nunca é uma boa ideia saltar para a sarjeta para apanhar uma ratazana.

— Então deixamos simplesmente que as pessoas se safem com tudo o que fazem?

— O Enrique estava a safar-se exatamente de quê? O que é que ele ganhou?

— Ele chamou-te *rabeta*, pai! Não podes deixar que as pessoas te roubem a dignidade.

— Ele não me roubou a dignidade. E também não roubou a tua, Salvie. Achas mesmo que um murro no nariz vai mudar alguma coisa?

— Ninguém tem o direito de te chamar nomes. Não quando eu estiver presente. — Foi aqui que senti as lágrimas a caírem-me pelo rosto. O que se passava com as lágrimas era que podiam ser tão silenciosas como uma nuvem a deslizar no céu do deserto. A outra coisa que se passava com as lágrimas era que me faziam doer o coração. E não era pouco.

— Tu és um doce de rapaz — murmurou o meu pai. — És leal e um doce de rapaz.

O meu pai chamava-me sempre um doce de rapaz. Às vezes, quando o fazia, deixava-me mesmo furioso. Porque: 1) Eu não era assim tão doce, nem metade do que ele achava, e 2) Que rapaz normal gostava de pensar em si como sendo um doce? (Se calhar tinha *mesmo* pretensões de ser *normal*.)

Quando o meu pai saiu do quarto, a *Maggie* seguiu-o até à porta. Acho que ela achou que eu ia ficar bem.

Fiquei muito tempo deitado no chão. Pensei em colibris. Pensei na palavra espanhola para os passarinhos: *colibrís*. Lembrei-me de que a Sam disse que o colibri era o deus azteca da guerra. Talvez tivesse alguma guerra dentro de mim. Não, não, não, não. Foi só uma situação pontual. Não ia voltar a acontecer. Eu não era do tipo de andar ao murro a torto e a direito. *Não era esse rapaz*.

Não sei durante quanto tempo fiquei deitado no chão naquela noite. Não apareci na cozinha para jantar. Ouvi o meu pai e a *Maggie* a entrarem no meu quarto obscurecido. A *Maggie* saltou para cima da cama e o meu pai ligou a luz. Tinha um livro na mão. Sorriu-me e pousou a mão no meu rosto — exatamente como fazia quando eu era pequenino. Naquela noite leu-me o meu excerto favorito de *O Príncipezinho*, em que se fala da raposa, do Príncipezinho e de como podemos domar as coisas.

Acho que se tivesse sido criado por outra pessoa qualquer, podia ter sido um rapaz rebelde e zangado. Talvez se tivesse sido criado pelo homem que me deu os seus genes, fosse agora uma pessoa completamente diferente. Sim, o homem que me deu os genes. Nem sequer pensava verdadeiramente nesse homem. Quase nunca. Quero dizer, talvez pensasse um pouco.

Mas o meu pai, o homem que estava no meu quarto e ligara a luz, foi quem me criou. Domou-me com todo o amor que existia dentro de si.

Adormeci a ouvir a voz do meu pai.

E sonhei com o meu avô. Estava a tentar dizer-me alguma coisa, mas não o conseguia ouvir. Talvez fosse porque ele já está morto, e os vivos não entendem a linguagem dos mortos. Mas continuava a repetir o nome dele: *Popo? Popo?...*

Funerais, Rabetas e Palavras

O SONHO COM o meu Popo e a palavra *rabeta* deixaram-me a pensar. E o que pensei foi: as palavras só existem em teoria. Até que num dia normal nos deparamos com uma palavra que só existia em teoria, mas que de repente está ali, mesmo à nossa frente. Depois a palavra transforma-se em alguém que conhecemos.

Funeral.

Deparei-me com esta palavra quando tinha 13 anos.

Aconteceu no dia em que o meu Popo morreu. Fui um dos transportadores do caixão. Até àquele dia nem sabia o que era um transportador de caixões. É que... sabem... existem muitas outras palavras que ficamos a conhecer quando entramos no mundo dos *funerais*. Conhecemos todos os seus amigos: os transportadores de caixões, as urnas, os cangalheiros, os cemitérios e as lápides.

Transportar o caixão do meu avô até à campa foi uma sensação muito estranha.

Não estava familiarizado com os rituais e orações pelos mortos.

Não estava familiarizado com a finalidade da própria morte.

O Popo não ia voltar; nunca mais ia ouvir a sua voz; nunca mais ia ver o seu rosto.

O cemitério onde ele foi enterrado ainda tinha uma atitude antiquada em relação aos funerais. Depois de o padre encomendar a alma do meu avô, o coveiro espetou uma pá no monte de terra ao lado da sepultura e segurou-a à sua frente. Toda a gente sabia exatamente o que fazer. As pessoas formaram uma fila soturna e silenciosa, cada uma delas à espera da sua vez para pegar num punhado de terra que depois atirava para cima do caixão.

Talvez fosse uma coisa mexicana, na verdade não sei dizer.

Lembro-me de que o meu tio Mickey tirou calmamente a pá da mão do coveiro enquanto dizia:

— Ele era o meu pai.

Lembro-me de me aproximar da pá, de pegar num punhado de terra e de olhar para o meu tio, que assentiu. Ainda me consigo ver a atirar a terra e a observá-la a bater no caixão do Popo. Ainda me vejo a enterrar o rosto nos braços da minha tia Evie. Ainda me vejo a levantar os olhos e a ver a Mima a soluçar no ombro do meu pai.

E lembro-me de outra coisa acerca do funeral do meu avô. Um pouco afastado, um homem estava a fumar um cigarro e a conversar com outro homem.

«O mundo está-se nas tintas para gente como nós», disse. «Trabalhamos a vida inteira e a seguir morremos. Não temos importância nenhuma.» Ele estava realmente zangado. «O Juan era um bom homem.» O Juan era o meu avô. Ainda consigo ouvir a fúria daquele homem. Mas não entendi o que ele estava a tentar dizer.

— Quem é a «gente como nós»? E porque é que ele disse que não temos importância nenhuma?

— Toda a gente tem importância — respondeu o meu pai.

— Ele disse que o Popo era um bom homem.

— O Popo era um homem muito bom. Um homem muito bom, com os seus defeitos.

— Vocês os dois falavam? Quero dizer, como nós os dois falamos?

— Não. Ele não era esse tipo de pai. Mas eu era próximo dele, de uma forma muito própria, Salvador.

Quando tinha 13 anos, eu era um miúdo muito curioso. Mas não entendia muitas coisas. Interiorizei as palavras, e acho que até me recordo exatamente delas, mas julgo que não entendi o seu significado.

— E *gente como nós*? Ele estava a falar dos mexicanos, pai?

— Acho que estava a referir-se às pessoas pobres, Salvie.

Queria acreditar no meu pai. Mas apesar de aos 13 anos não entender muitas coisas, já sabia que havia pessoas no mundo que detestavam os mexicanos — mesmo aqueles que não eram pobres. Não precisava que o meu pai me explicasse isso. Nessa altura também já sabia que havia pessoas no mundo que detestavam o meu pai. Detestavam-no porque ele era gay. E para essas pessoas, o meu pai não tinha importância.

O meu pai não tinha importância nenhuma.
Mas tinha importância para mim.

As palavras só existem em teoria. Até que num dia normal nos deparamos com uma palavra que só existia em teoria, mas que de repente está ali, mesmo à nossa frente. Depois a palavra transforma-se em alguém que conhecemos. Transforma-se em alguém que detestamos. Levamos essa palavra connosco para todo o lado. E não conseguimos fingir que ela não está lá.

Funeral.

Rabeta.

O Pai, a Sam e Eu

NO DIA SEGUINTE o meu pai levou-me à escola. Ia ter uma conversa com o diretor. Quando fomos buscar a Sam em frente à sua casa, ela era toda sorrisos, a esforçar-se demasiado para fazer de conta de que estava tudo bem.

— Olá, Sr. V — cumprimentou, enquanto saltava para o banco de trás.
— Obrigada pela boleia.

O meu pai fez um sorriso breve.

— Olá, Sam — respondeu. — Não te habitues a ela.

— Eu sei, Sr. V. Temos duas pernas — disse, revirando os olhos.

Percebi que o meu pai estava a abafar uma gargalhada.

A seguir o silêncio instalou-se no carro, e eu e a Sam começámos a trocar mensagens.

Sam: «Mantém-te firme.»

Eu: «É esta a tua ideia de início de vida?»

Sam: «Preocupas-te demasiado. Além disso, não fui eu quem deu um murro ao Enrique.»

Eu: «Verdade. Estou bem lixado.»

Sam: «Pois estás. LOL»

Eu: «Chiu.»

Sam: «Não peças desculpa por nada. O Enrique mereceu.

É um porco oinc! oinc!»

Eu: «LOL LOL Acho que mais ninguém partilha da nossa opinião. ☺»

Sam: «Eles que vão à merda!»

Eu: «Não se diz asneiras na presença dos pais.»

Sam: «LOL»

O meu pai interrompeu as mensagens.

— Não se importam de parar com isso? Foram criados pelos lobos ou quê?

Criados pelos lobos. Era uma das expressões favoritas do meu pai. Ele era tão antigo.

— Não, senhor — respondi. — Desculpa.

A Sam não conseguiu evitar — tinha sempre de dizer alguma coisa, mesmo que fosse a coisa errada. Não era muito boa a ficar calada.

— Posso mostrar-lhe as mensagens, se quiser...

Vi que o meu pai tinha um sorriso trocista no rosto enquanto conduzia o carro.

— Obrigado, Sam. Não é preciso.

E desatámos todos a rir.

As gargalhadas não queriam dizer que os meus sarilhos fossem menores.

Quando eu e o meu pai entrámos no gabinete do diretor, o Enrique Infante e o pai dele já lá estavam, ambos sentados de braços cruzados e uma expressão taciturna no rosto. *Taciturna* era uma das palavras da Sam. Em certos dias, ela era muito boa a ser taciturna.

Quando entrei, o diretor, o Dr. Cisneros, olhou diretamente para mim e perguntou:

— Salvador Silva, dá-me uma boa razão para não te suspender imediatamente. — Na verdade, isto não era uma pergunta, era mais uma declaração. Como se já tivesse decidido o que fazer.

— Ele chamou rabeta ao meu pai — respondi.

O Dr. Cisneros olhou para o Enrique e para o pai dele. O Enrique encolheu os ombros, como se não quisesse saber daquilo para nada. Não estava definitivamente arrependido. Impenitente — era essa a expressão exata do seu rosto.

O diretor voltou a olhar para mim.

— A violência física é um comportamento inaceitável; e é contra as regras da escola. É motivo suficiente para suspensão.

— O discurso de ódio também é contra as regras da escola. — Não estava a sentir-me realmente aborrecido. Bem, talvez estivesse a tentar mostrar que não me sentia aborrecido. De qualquer maneira, as minhas palavras saíram calmamente. Eu era quase sempre um rapaz bastante calmo. Quer dizer... pelos vistos tinha cá os meus momentos. Como se estava a ver.

— Bem, segundo a minha interpretação dos acontecimentos — disse o Dr. Cisneros —, vocês não estavam nas instalações da escola. Não podemos

responsabilizar-nos pelo que os alunos dizem quando já não estão no espaço escolar.

O meu pai sorriu, uma espécie de sorriso enfadonho. Eu conhecia todos os seus sorrisos. Olhou para o Sr. Infante — depois dirigiu-se ao Dr. Cisneros.

— Bem, nesse caso não temos nada para discutir, pois não? Se a escola não se responsabiliza pelo que os alunos *dizem* fora do espaço escolar, então também não pode responsabilizar-se pelo que os alunos *fazem* fora do espaço escolar. Questiono-me se chegaremos a alguma conclusão. — Fez uma pausa. Mas ainda não tinha acabado de falar. — Na minha opinião, nenhum dos rapazes tem motivos para estar orgulhoso desta situação. Acho que merecem algum castigo. Mas não se pode castigar um sem castigar o outro. — Nova pausa. — É uma questão de justiça. E, aparentemente, também é uma questão de regras escolares.

O Sr. Infante tinha uma expressão mesmo zangada no rosto.

— O meu filho só lhe chamou aquilo que você é.

O meu pai não vacilou, não se deixou intimidar.

— Por acaso sou gay. Mas acho que isso não faz de mim um rabeta. Também sou latino-americano. E isso não faz de mim um vendedor de *tacos*. Acho que não faz de mim um pobretanas qualquer. Não faz de mim um «espanholeco». E acho que não faz de mim um cidadão ilegal. — A voz dele não transmitia fúria. O meu pai parecia um advogado no tribunal, a tentar explicar ao júri a sua opinião. Percebi que estava à procura do que ia dizer a seguir. Olhou para o Sr. Infante. — Os nossos filhos nem sempre entendem completamente as coisas que dizem. Mas nós dois, o senhor e eu, somos homens adultos. Nós entendemos *perfeitamente* o que dizemos, não acha?

O Dr. Cisneros assentiu com a cabeça. Eu só não sabia o que significava o seu gesto. Nunca tinha estado ali naquele gabinete. Não sabia nada sobre ele — a não ser o que a Sam dizia, que era um idiota. Mas como a Sam achava que a maior parte dos adultos eram idiotas, talvez ela não fosse a fonte de informação mais credível em relação ao Dr. Cisneros.

O gabinete ficou em silêncio durante um ou dois segundos. Até que o Dr. Cisneros arranjou uma solução.

— Salvador e Enrique: fiquem longe um do outro. — A Sam teria dito que era uma solução covarde. E também estaria certa em relação a isto.

O Sr. Infante e o Enrique limitaram-se a ficar ali sentados, a espalhar a sua taciturnidade como se fosse manteiga de amendoim. Depois, a voz do Sr. Infante encheu o pequeno gabinete. Apontou-me o dedo e disse:

— Vai mesmo deixar que ele se safe com o que fez? — Foi a primeira vez que entendi realmente a expressão «esfumar-se». Porque foi exatamente o que o Sr. Infante e o Enrique fizeram, saíram dali tão de repente que pareciam ter-se transformado em fumo.

Era difícil entender o que passava pela cabeça do meu pai. Ele por vezes tinha uma expressão de póquer extraordinária. Era uma pena não a aplicar no jogo. A seguir olhou para mim e eu sabia que não estava muito satisfeito comigo.

— Vemo-nos depois das aulas — disse. — Agora quero falar um pouco com o Dr. Cisneros.

Mais tarde, a Sam perguntou-me o que achava que o meu pai tinha falado com o Dr. Cisneros. Respondi-lhe que não fazia ideia.

— E não queres saber?

— Acho que não.

— Olha, eu gostava de saber. De certeza que a conversa foi sobre ti. Como é que podes não querer saber? — perguntou, cruzando os braços. Era um gesto muito característico dela. — Tens medo de quê?

— Não tenho medo de nada. Mas há certas coisas que não preciso de saber.

— Não precisas de saber? Ou não queres?

— Escolhe tu, Sammy.

— Às vezes não te entendo.

— Não há muito para entender — respondi. — Além disso, quem precisa de saber o que eles falaram és tu, não eu.

— Eu não preciso de saber — disse.

— Pois não — respondi.

— Pois não — respondeu ela.

Naquela noite, a Sam mandou-me uma mensagem com a palavra do dia — era mais um dos nossos jogos:

Sam: «Pdd = preconceito.»

Eu: «Que palavra boa. Usa-a numa frase.»

Sam: «O Dr. Cisneros é cúmplice do preconceito.»

Eu: «Estás a ser dura.»

Sam: «Estou a ser simpática. Já agora, sabes que Infante quer dizer criança?»

Eu: «Sei.»

Sam: «Pois, pois, pois.»

O Fito

— MEU, JÁ ERA para te ter dito, aquele Enrique Infante... fizeste um inimigo para a vida, Sal.

— Dás-te com aquele tipo?

— Eu não. Mas ele está sempre a tentar vender-me tabaco. Só diz bosta. É um tipo do piorio.

— Pois, não estou a pensar em ter uma relação duradoura com ele. Não é propriamente o meu ideal de melhor amigo.

Isso fez o Fito soltar uma gargalhada.

— É bem verdade. O mundo está cheio de gajos como ele. Hoje vende cigarros; amanhã forma-se em venda de droga. — O Fito disparou um sorriso na minha direção. — Não sabia que gostavas de arregaçar as mangas e distribuir murraças. Um tipo como tu, quero dizer, parece que não partes um prato e a seguir fazes uma cena destas.

— O que é que queres dizer com isso?

— Meu, tu tens uma cena mesmo fixe com o teu pai. Quero dizer, sei que és adotado e essas merdas, mas... tens uma relação fixe com ele.

— Pois tenho. E para dizer a verdade, nunca senti muito que era adotado.

— Isso é muito bom. Já eu, enfim, às vezes acho que me foram buscar à rua porque alguém me deitou fora. A sério, meu, às vezes é o que sinto quando estou em casa.

— Isso é uma porcaria — respondi.

— Pois, na minha casa tudo é uma porcaria. Quero dizer, o meu pai até é mais ou menos fixe. Ele queria levar-me com ele. Teria sido muito bom. Mas ele não tinha casa própria e essas merdas; depois também não conseguiu arranjar emprego e acabou por sair da casa alugada e foi morar com o irmão, na Califórnia. Pelo menos ainda se veio despedir e assim, e estava muito triste por não poder levar-me com ele e tal. Pelo menos sei que ele se preocupava comigo. Preocupava mesmo. E isso já é alguma coisa.

— Pois é — concordei. — Já é alguma coisa. É mais do que isso. — Sentia-me mal pelo Fito. Mas havia uma coisa muito boa nele: não andava por aí a lamentar-se a sentir pena de si próprio. Questionei-me como é que ele tinha crescido assim tão bom rapaz. Como é que isso aconteceu? Parecia não existir a menor lógica por detrás daquilo que éramos. Nenhuma lógica mesmo.

Pdd, a Origem

EU RESPEITAVA O Fito, mas a Sam não gostava muito dele. Dizia que era por causa do andar dele.

— Ele não anda. Ele move-se de maneira furtiva. E por que raio tem de acabar quase todas as frases com «e essas merdas»? Porque é que ele faz isso? — Isto vindo de uma rapariga que andava obcecada com asneiras.

Eu já tinha lido alguns dos textos que o Fito fazia para a escola e ele parecia um intelectual. A sério. Ele era inteligente. Só não gostava de andar a anunciar o facto. Talvez o Fito falasse assim por causa do tipo de linguagem que se usava na sua casa — e porque andava sempre a cirandar na rua. Não porque queria meter-se em sarilhos, mas porque não queria estar em casa.

Eu tinha uma teoria de que toda a gente tem uma relação muito própria com as palavras — mesmo que não tenham consciência disto. As relações que as pessoas mantinham com as palavras eram todas diferentes. O meu pai dizia-me muitas vezes que tinha de ser muito cuidadoso com as minhas palavras.

«As palavras podem magoar as pessoas», dizia. «E também podem sarar feridas.»

Se havia alguém cuidadoso com as palavras, era o meu pai.

Mas a minha verdadeira atenção às palavras surgiu por causa da Sam. Tudo começou quando se inscreveu no concurso de soletração e eu fiz de seu treinador. Ela tinha milhares de palavras nos cartões de treino, e a minha tarefa era ler e pronunciar as palavras para que a Sam as pudesse soletrar. Passámos horas a fio a treinar. Vivíamos e respirávamos para aquele concurso. Ela estava tão concentrada e determinada. Havia dias em que se deixava abater e desatava a chorar. Treinava até à exaustão. E eu estava quase tão exausto como ela.

A Sam não ganhou o concurso.

Bem... ficou tão, mas tão danada.

«O idiota que ganhou nem sequer sabia o significado das palavras que estava a soletrar», disse na altura.

Tentei consolá-la, mas a Sam recusou-se a aceitar o reconforto.

«Conheces a palavra *inconsolável*?»

«Podes tentar novamente para o próximo ano.»

«Nem penses», respondeu. «Merda para as palavras!»

Mas eu sabia que ela já se apaixonara pelas palavras e que me arrasta consigo para aquele caso amoroso.

Foi nesta altura que começámos com a Palavra do dia. Pdd.

Pois. Palavras. O Fito e as palavras. Eu e as palavras. A Sam e as palavras. Enquanto pensava nisto, alguém tocou à campainha. E lá estava a Sam.

— Estava mesmo a pensar em ti — disse-lhe.

— Alguma coisa simpática?

— Estava a lembrar-me de como ficaste danada quando perdeste aquele concurso de soletração.

— Oh, já me passou.

— É claro que sim.

— Não vim aqui para falar do estúpido concurso de soletração.

— Então, o que se passa?

— Acabei de discutir com a minha mãe.

— Como se isso fosse novidade.

— Ouve, nem toda a gente consegue conversar como tu e o teu pai. Quero dizer, vocês *não* são normais. Os pais e os filhos não conversam assim. *Não conversam*. Quero dizer, vocês às vezes parecem dois amigos a conversar.

— Isso não é verdade — respondi. — O meu pai não faz de conta que é um dos meus amigos. Nem de longe nem de perto. Ele é o meu pai. Só que por acaso gostamos um do outro. Acho que isso é fantástico. Mesmo fantástico.

— É uma porra maravilhosa.

— Porque gostas tanto de dizer asneiras?

— Toda a gente gosta de dizer asneiras.

— Eu não gosto.

— Não te chamam Sr. Excitação à toa.

— Quem é que me chama isso?

— Eu.

— *Eu* é plural?

— É.

— Vês? Conseguieste interromper o meu raciocínio. Estás sempre a fazer isso.

— Tu é que estás sempre a interromper o teu próprio raciocínio, *vato*¹. Gostava quando ela me chamava *vato*. Sempre era melhor do que «meu». E era sinal de que me respeitava.

— Estava a falar de quê? — perguntei.

— Estavas a discursar eloquentemente acerca do teu pai.

— Estás a começar a falar como o último livro que leste.

— E depois, porra?! Pelo menos sei ler.

— Para de dizer asneiras.

— Para de me julgar e diz lá o que querias dizer sobre o teu pai.

— Não te estou a julgar.

— Estás, sim.

— Pronto, está bem. O meu pai? Bem, a minha teoria é que a maior parte das pessoas gosta dos seus pais. Nem todas, mas a maior parte. Só que às vezes os pais não são muito agradáveis e os filhos não gostam deles. É bastante lógico. Outras vezes, são os filhos que não são agradáveis. É muito difícil conseguires conversar com alguém se não gostares dessa pessoa, mesmo que seja o teu pai ou a tua mãe.

— Concordo inteiramente.

De vez em quando, a Sam entendia realmente o que eu queria dizer. E por vezes eu sabia exatamente o que ela ia dizer a seguir.

— Eu não gosto nem um pouco da Sylvia. Ela é a mãe menos agradável do planeta. — A Sam gostava de tratar a mãe pelo seu nome próprio. Mas só quando a mãe não estava presente. Hum.

— Não — contrariei. — A mãe mais desagradável do planeta Terra é a do Fito.

— A sério? E sabes isso porque?...

— Porque estive com ela uma vez. É viciada em anfetaminas.

— Então a senhora tem um problema. *No bueno*, mas...

Interrompi-a.

— Quando estás a perder uma discussão, consegues sempre encontrar um *mas*.

¹ *Vato* é uma forma abreviada de *chivato*, uma expressão coloquial hispânica que significa «meu», «tipo». [N. do E.]

— Ia dizer que todas as comparações são odiosas.

— Sim, sim, odioso. Uma palavra de concurso. Ou uma palavra que aprendeste no livro novo que andas a ler.

— Cala-te. *E eu tenho mesmo uma mãe horrível.*

Às vezes sentia mesmo pena da Sam. Talvez um dia ela e a Sylvia pudessem vir a ter o que eu tinha com o meu pai. Talvez. Esperava que sim.

Murros. Punhos. Sapatos.

NO TERCEIRO DIA de aulas dei um murro a outro tipo. Quero dizer, aconteceu simplesmente. A Sam dizia sempre que *as coisas não acontecem simplesmente*. Tentei afastar a voz dela da minha cabeça. Sabem, eu ia em direção ao Circle K para comprar uma *Coca-Cola*. Estava a apetecer-me beber uma. Ia no parque de estacionamento quando um tipo qualquer olhou para mim com um sorriso trocista e me chamou *gringo de merda*.

— Não voltes a chamar-me isso — disse-lhe. E foi exatamente o que ele fez: chamou-me aquilo outra vez.

Por isso dei-lhe um murro. Não houve qualquer pensamento consciente, apenas um reflexo. Dei-lhe um murro mesmo no meio do estômago — e senti novamente aquela sensação de adrenalina a percorrer-me as veias até chegar ao coração.

Observei-o enquanto ele se curvava com a dor. Uma parte de mim queria pedir-lhe desculpa. Mas no fundo sabia que não estava nem um pouco arrependido do que fizera.

Fiquei ali parado. Dormente.

Depois senti uma mão no ombro. Era o Fito que me estava a puxar para trás. Não parei de olhar para o meu punho cerrado, como se pertencesse a outra pessoa qualquer.

— O que é que se passa contigo, Sal? Quando é que começaste a esmurrar pessoas desta forma? Num dia, és um tipo completamente espetacular, e no outro... Bem, nunca achei que fosses este tipo de rapaz.

— Que tipo de rapaz?

— Tem calma, Sal.

Não disse nada. Não sentia nada.

Apenas tremia.

Depois senti-me inundado por uma ideia. Talvez o tipo de rapaz que eu era estivesse relacionado com alguém que não conhecia. Como o tipo que me deu os seus genes.

Fui ter com a Sam a pé. Ela já estava à porta, à minha espera.

— Estás atrasado.

— Desculpa.

— Nunca chegas atrasado.

— Cheguei hoje.

Ela olhou para mim com uma das suas expressões desconfiadas.

— O que é que se passa?

— Nada.

— Não acredito em ti.

— Não se passa nada.

— O que significa que não queres falar no assunto.

— Não se passa nada.

Dirigiu-me um sorriso que dizia «vou-deixar-te-em-paz». Queria dizer que ia mudar de assunto. Não que não voltasse a este assunto mais tarde. A Sam era o tipo de rapariga que não deixava escapar nada. Quando muito, dava-nos algum tempo para respirar. Fiquei contente por me dar tempo para respirar agora.

— Está bem — disse. — Está bem. — Depois apontou para baixo.
— Gostas dos meus sapatos?

— Adoro-os.

— Mentiroso.

— São muito cor-de-rosa.

— Chato.

— Porque é que tens tantos sapatos?

— Uma rapariga nunca tem sapatos a mais.

— Uma rapariga no geral, ou só tu?

— É uma particularidade do género. Não entendes isso?

— Do género — repeti. Não sei, mas a Sam deve ter identificado qualquer coisa na minha voz.

— Passa-se alguma coisa contigo.

— São os sapatos — respondi.

— São os sapatos, o caraças!

A Mima

EU E A SAM contávamos sempre muitas histórias um ao outro, histórias sobre o que nos acontecera, sobre outras pessoas, sobre o meu pai e a mãe dela. Questiono-me se era assim que ordenávamos o nosso mundo. Ou como explicávamos as coisas um ao outro. Ou a nós mesmos.

A Mima era a melhor contadora de histórias de sempre. As histórias que contava eram sobre coisas reais — não eram histórias da treta como ouvia contar nos corredores da Escola Secundária de El Paso, que estavam mais próximas da mentira do que de outra coisa qualquer.

Mas as histórias da Mima eram verdadeiras, tão verdadeiras como as folhas da sua amoreira. Ouvia a voz dela constantemente, a contar-me as suas histórias:

— Quando era pequena costumava apanhar algodão. Trabalhava ao lado da minha mãe, dos meus irmãos e das minhas irmãs. E quando o dia chegava ao fim, estava tão cansada que caía na cama já a dormir. A minha pele estava queimada do Sol, as mãos arranhadas. E as minhas costas pareciam prestes a partir-se.

Ela contava-me como era o mundo dantes, como era enquanto crescia e como já quase não existia.

— O mundo mudou — dizia. Quando me falava nestas coisas, havia muita tristeza na sua voz.

Em certa ocasião, a Mima levou-me a uma quinta. Eu devia ter perto de 7 anos. Ensinou-me a apanhar tomate e pimentos. Mostrou-me os campos de cebolas.

— Aquilo é que é trabalho. — Ela sabia muito sobre esta palavra. Acho que eu não sabia absolutamente nada sobre trabalho. Era uma palavra que ainda não conhecia.

Naquele dia, enquanto apanhávamos tomate, a Mima contou-me a história dos seus sapatos.

— Quando andava no sexto ano, deixei os sapatos na margem de um riacho para poder ir nadar com os meus amigos. Mas depois os sapatos desapareceram. Alguém os roubou. Chorei, chorei muito, era o único par de sapatos que tinha.

— Só tinha um par de sapatos, Mima?

— Só tinha um par. Mais nada. Por isso, durante uma semana fui para a escola descalça. Tive de esperar que a minha mãe poupasse dinheiro suficiente para me poder comprar outros sapatos.

— Foi para a escola descalça? A sério? Isso é fixe, Mima.

— Não, não foi assim tão fixe — disse ela. — Só queria dizer que havia muita gente pobre.

A Mima diz que somos aquilo de que nos lembramos.

Depois contou-me do dia em que o meu pai nasceu.

— O teu pai era tão pequenino que quase cabia numa caixa de sapatos.

— Isso é mesmo verdade, Mima?

— É, sim. E logo depois de ele chegar a este mundo, segurei-o nos meus braços e começou a chover na rua. Estávamos a meio de uma seca, não chovia há muitos, muitos meses. Foi nessa altura que percebi que o teu pai era como a chuva. Ele era um milagre.

Adorava as coisas de que ela se lembrava.

Pensei em contar à Sam a história dos sapatos da Mima. Mas decidi não o fazer. Ela ia dizer qualquer coisa como: *Só estás a contar-me isso para me fazeres sentir culpada*. E provavelmente tinha razão.

A Minha História (Ou Eu a Tentar Explicar-me Coisas)

A MIMA DIZIA que nunca devemos esquecer-nos de onde viemos. Percebo o que ela quer dizer com isto, mas quando somos adotados, torna-se um pouco mais difícil. Lá porque não me *sinto* adotado, não quer dizer que não tenha sido adotado. A maior parte das pessoas acha que sabe algo de importante sobre os outros se souber como a sua história começou. Há muita gente no mundo que se dedica a construir árvores genealógicas e coisas desse estilo. Acho que percebo porquê.

O Fito diz que, na verdade, não importa o sítio de onde viemos.

— Eu sei exatamente de onde venho. E depois? Algumas pessoas têm pais famosos. E depois? Nascer com pais talentosos não faz de ti uma pessoa talentosa. O pai do Charlie Moreno é presidente da Câmara. E olha bem para o Charlie Moreno. É um idiota. Na minha família são todos toxicodependentes. Por isso... vês? Não importa de onde eu venho — importa para onde vou. — Eu não tinha como contradizer isto.

Pensava que querer saber onde tudo começou fazia parte da natureza humana. Pois. Não que saiba grande coisa sobre a natureza humana. A Sam dizia que eu não era bom a avaliar o carácter dos outros.

— Tu pensas que toda a gente quer ser boa.

Tenho fotografias da minha mãe comigo ao colo. Montes e montes delas. Mas olhar para fotografias da nossa mãe que já morreu não é o mesmo que lembrarmo-nos dela.

Ela morreu quando eu tinha 3 anos.

Foi nessa altura que vim viver com o meu pai.

Talvez outra pessoa qualquer ficasse triste por não ter mãe. Mas eu não me sentia triste, não sentia mesmo. Amava o meu pai. E tinha tios e tias que me amavam também. Quero dizer, eles amavam-me de verdade. E tinha a Mima. Acho que nunca ninguém me amou tanto como a Mima. Nem mesmo o meu pai.

A minha vida não tinha nada que ver com a do Fito. O Fito tinha a família mais disfuncional do planeta Terra. E depois havia a Sam. Não gostava mesmo nada que a Sra. Diaz fosse a minha mãe. Não, muito obrigado. *No bueno.*

Tinha um professor de Sociologia que estava sempre a falar sobre a dinâmica familiar. Eu, o meu pai e a Mima constituíamos uma família. E eu gostava da nossa família. Questionava-me se existiria alguma lógica por detrás da palavra família. Porque a verdade é que nem sempre era uma palavra assim tão boa.

Questionava-me por que motivo não tinha memórias da minha mãe. Talvez não me lembrar dela fosse pior do que ter recordações confusas. Ou talvez fosse melhor. Mas aqui estava eu, a fazer perguntas sobre quem era a minha mãe e quem era o homem cujos genes se misturaram com os dela para me fazerem a mim.

Estava a começar a fazer-me muitas perguntas que nunca tinha feito. Costumava estar sempre na boa com tudo e agora dava por mim a esmurrar as pessoas por tudo e por nada. Ouvi a voz da Sam na minha cabeça: *As coisas não acontecem simplesmente.*

Fotografias

TINHA UMA FOTOGRAFIA do meu pai a ensinar-me a dar o nó numa gravata, tirada na manhã antes da minha Primeira Comunhão. O meu pai estava a sorrir e eu também. Estávamos os dois tão felizes. Tinha uma fotografia da Mima comigo ao colo quando tinha 4 anos. Os olhos dela transmitiam tanto amor que juro que me podia ter afogado nele. As fotografias da minha mãe comigo são diferentes. O que acontece é que me recordo das coisas que aparecem nas fotografias em que estou com o meu pai e a Mima. Elas fazem-me sentir coisas. Mas as fotografias com a minha mãe? Não me fazem sentir nada. A Sam disse-me, em certa ocasião, que não me lembrava de nada porque não queria. Disse que lembrar-me ia deixar-me triste.

A Sam gostava de ver as minhas fotografias todas. Mas dizia que era demasiado estranho ver toda a felicidade que elas espelhavam.

— É que a felicidade não é real.

— A sério?

— Bem, é *real*, mas é um pouco sinistra.

— A felicidade é sinistra?

— Pronto, está bem, a felicidade é boa. Mas a maior parte das pessoas não é muito dada a bondades. Quero dizer, não há mais ninguém neste mundo tão bondosa como a tua Mima. E o teu pai... tenho de admitir: ele é espetacular. A sério. É mesmo superboa pessoa. Mas nesta cidade só haverá talvez dez pessoas boas como eles, por isso se estás a pensar que a tua pequena família é representativa do resto do mundo, tenho uma triste notícia para te dar.

Se ainda ninguém tivesse inventado a palavra *cético*, a Sam tê-lo-ia feito. E andaria por aí a apresentar a palavra a toda a gente. Mas, a mim, não me conseguia enganar. Ela tinha muita bondade dentro de si. Muita mesmo. Também tinha os seus maus momentos. Conhecia-a desde o jardim de infância. Ao fim do dia, quando me despedia dela, a Sam costumava chorar.

Desde essa altura que dou ouvidos ao que a Sam pensa — mesmo quando sei que não o devia fazer. A Sam era emocionalmente confusa e confundia-me também. Tinha que ver com a sua dinâmica familiar. Pois, o que sabia eu disto? Houve um dia em que ficou muito zangada comigo porque lhe disse que ela tinha de se acalmar. Depois disse-me que eu era um «anorético emocional». Acho que não o disse como um elogio e por vezes questionava-me porque a escolhi para minha melhor amiga.

A Mima dizia que foi Deus quem me deu a Sam.

Achava que era uma coisa linda de se dizer. Ela também dizia que eu era uma oferta de Deus para si. E para o meu pai.

Parece que Deus é muito generoso. Mas assim como dá, também tira muitas coisas. Prova número 1: tirou-me a minha mãe. Só que se não me tivesse tirado a minha mãe, eu não teria o meu pai. E não teria tido a Mima.

Pai: Pdd = Universidade

A PRIMEIRA SEMANA caótica de escola chegou ao fim. E só andei ao murro duas vezes. *Vamos fazer deste ano o melhor de sempre!*

Estava sentado no estúdio do meu pai, a vê-lo pintar, mas também a observar a lista definitiva de universidades a que iria concorrer. Andei o verão todo a ouvir falar das candidaturas — dos formulários financeiros, dos formulários para isto e para aquilo, das visitas às páginas web, dos e-mails para os conselheiros de admissão, programas e planos curriculares e todas essas coisas. A Sam estava muito embrenhada nisto.

Certo dia, veio até minha casa e começou a reclamar mesmo a sério acerca da mãe.

— Ela pôs o meu processo de candidatura em suspenso, a cabra. Disse que as universidades a que estava a candidatar-me eram areia demais para a minha camioneta e, seja como for, onde é que eu ia arranjar dinheiro para pagar os estudos? E ainda me perguntou quem diabo pensava eu que era. Odeio-a. Odeia-a de verdade. Disse-me que vou para a Universidade do Texas e não se fala mais no assunto. A sério. Odeio-a. — Não era a primeira vez que ouvia este discurso do *odeio-a*.

Na minha casa, estava a tentar manter o processo de candidatura o mais discreto possível. A verdade é que não queria sair de casa. Estava até a pensar em tirar um ano e ficar só ali por casa. Como se isso algum dia fosse acontecer.

Por isso, acabei por fazer uma lista. Só me faltava arranjar as cartas de recomendação e escrever a porcaria dos ensaios para convencer as universidades a aceitarem-me. Mas ainda tinha tempo para o fazer. Deixei a lista na secretária do meu pai:

1. Universidade do Texas
2. Universidade da Califórnia
3. Columbia

4. Universidade de Chicago
5. Universidade de Nova Iorque
6. Universidade do Novo México
7. Universidade do Arizona
8. Universidade do Colorado
9. Universidade de Washington
10. Universidade do Montana

O futuro estava ali. Numa única lista. A mudança. *Merda*. Observei o meu pai perdido no seu trabalho. Gostava mesmo de o ver pintar — a maneira como segurava nos pincéis, a forma como todo o seu corpo parecia ganhar vida, o jeito que tinha para fazer parecer que pintar era fácil. Questionei-me qual seria a sensação.

— Já pus a lista definitiva na tua secretária — disse-lhe.

— E já não era sem tempo — respondeu ele.

— Agora podes parar de me chatear com isto.

— Eu não te chateio — contrapôs.

Sabia que ele estava a sorrir e ele também sabia que eu estava a sorrir. Mas continuou a trabalhar. Depois fez-me uma pergunta que nunca fizera antes.

— Costumas pensar no teu pai de verdade, Salvie? — Não parou de pintar, pelo que eu não conseguia ver o seu rosto.

Enquanto me sentava na velha poltrona de couro, ouvi-me dizer:

— *Tu és* o meu pai de verdade e, sim, penso em ti a toda a hora.

A luz do estúdio fazia com que o cabelo despenteado e grisalho do meu pai parecesse luminoso como fogo. Parou de pintar por um momento e questionei-me sobre a expressão que o seu rosto teria naquele preciso instante. Sabia que o que acabara de dizer o deixara feliz. Depois continuou a pintar em silêncio. E eu deixei-o estar. Às vezes é preciso deixar as pessoas terem o seu próprio espaço — mesmo quando estão na mesma divisão que nós. Foi o meu pai quem me ensinou isto. Ele ensinou-me quase tudo o que sei.

Não me lembro de uma altura em que o meu pai não fizesse parte da minha vida. E havia uma razão para isso: ele estava sempre por perto. Estava lá quando eu nasci. Estava com a minha mãe quando ela foi para o hospital. Era o seu treinador. Ele testemunhou a minha chegada a este mundo. Era exatamente esta a palavra que usava. Costumava dizer:

«Pude testemunhar o momento maravilhoso em que chegaste.»

Por isso, ele estava comigo desde o início.

No entanto, há uma coisa. A verdade é que, de vez em quando, eu questionava-me *realmente* sobre o meu pai biológico, principalmente nos últimos tempos, embora não soubesse bem porquê. E sentia-me um traidor. Acabara de mentir ao meu pai. Acho que foi apenas uma meia-mentira... Podem chamar-lhe uma meia-verdade. Mas quando uma coisa é metade mentira, é mentira e pronto.

A Mima e a Sam

A MIMA GOSTAVA mesmo muito da Sam. E a Sam gostava mesmo muito da Mima.

Quando eu era pequeno, por vezes, a Mima vinha passar o fim de semana à nossa casa e tomava conta de nós, enquanto o meu pai estava fora para alguma das suas exposições. A Mima tinha muito jeito para a Sam. Sempre gostei muito de as ver juntas.

Eu estava a falar ao telefone com a Mima. Ela gostava que eu lhe ligasse, fazia-a sentir-se bem. E eu também me sentia bem.

Falávamos sobre o quê? Falávamos sobre qualquer coisa. O assunto não importava.

A certa altura, a Mima perguntou-me pela Sam.

— Ela gosta de sapatos — respondi.

— Bem, é uma rapariga — disse a Mima. — Algumas raparigas são assim. Mas ela é muito boa menina.

— Pois é — concordei —, mas ela gosta de rapazes reguilas, Mima.

— Ora, o teu Popo quando era novo era bastante reguila.

— E mesmo assim casou com ele?

— Casei. Ele era tão bonito. E eu sabia que ele era um bom homem, apesar de muita gente achar que não era. Soube assim que o conheci. E ele depois acalmou.

As recordações que tinha do meu avô não incluíam a expressão *ele acalmou*.

— Só que às vezes preocupo-me com a Sam — disse.

— Se estás tão preocupado com ela, por que motivo não és o seu namorado?

— Porque as coisas entre nós não são assim, Mima. Ela é a minha melhor amiga.

— O teu melhor amigo não devia ser um rapaz?

— Bem, acho que não é importante se o nosso melhor amigo é um rapaz ou uma rapariga. Desde que tenhamos um melhor amigo. E, de qualquer forma, as raparigas são mais simpáticas do que os rapazes.

Não sei como, mas sabia que ela estava a sorrir.

O QUE É AFINAL UMA VIDA NORMAL?

O início de vida de Sal foi tudo menos vulgar. A sua mãe, no dia em que soube estar grávida, abandonou o namorado, um tipo violento, e foi viver com o seu melhor amigo, Vicente. Três anos depois, a mãe de Sal faleceu de cancro. Mas, antes, casou com Vicente para que este pudesse adotar o bebé e dar-lhe uma vida melhor.

A ADMIRÁVEL CAPACIDADE DE QUESTIONARMOS A VIDA

Aos 17 anos, apesar de ter o melhor pai adotivo que se possa imaginar, Sal vive com muitas perguntas sobre o seu passado e a sua identidade. E no momento em que tem de tomar decisões importantes sobre o seu futuro, como a ida para a Universidade, a pressão leva-o a reagir a tudo com violência.

UM LIVRO EM QUE A TERNURA IRRADIA DAS PÁGINAS

No entanto, Sal não está sozinho, tem dois grandes amigos, Samantha e Fito, que também têm histórias familiares invulgares. Juntos, os três amigos vão à procura das respostas de que precisam, percebendo, pelo caminho, o valor da amizade, a importância dos laços familiares e como todos somos perfeitamente imperfeitos.



«Sal é uma daquelas personagens que fica connosco muito depois de acabarmos o livro.»

Booklist

TOPSELLER os livros em primeiro lugar 20120 editora	ISBN 978-989-8869-37-1  9 789898 869371 Literatura Traduzida
--	--